

# ENSAIOS SOBRE PIERRE BOURDIEU: FORMULAÇÕES INICIAIS PARA A PESQUISA EM EDUCAÇÃO

Edilene Souza Silva Neves<sup>1</sup>

Liege Goulart Dornellas<sup>2</sup>

Rodrigo Rodrigues<sup>3</sup>

Rosenerly Pimentel Nascimento<sup>4</sup>

## RESUMO

O objetivo deste ensaio parte do trabalho de Pierre Bourdieu, identificando em nossas análises a singularidade e pluralidade dos seus escritos, como essa produção foi difundida no Brasil e em que medida no contexto atual suas formulações podem ser lidas, para ampliar possíveis problematizações no campo da pesquisa em educação. Para tanto, utilizamos a abordagem bibliográfica-documental, a partir de livros e artigos do autor e sobre o ele, o que nos permitiu, explorar alguns conceitos importantes à sua obra como “Classe, Habitus, Campos e os diferentes tipos de Capital”, observando as implicações dessas categorias na sociedade e nos sistemas escolares, bem como a sua relação com os processos de legitimação das desigualdades sociais. Desse modo, contextualizar o seu trabalho é uma tarefa complexa, pois requer uma leitura do autor no seu tempo, sem simplificações ou apropriações deterministas que limitam as possibilidades de ampliar e problematizar as questões mais atuais.

**Palavras-chave:** Bourdieu. Reprodução. Habitus. Educação.

---

<sup>1</sup> Graduação em Ciência Sociais (UFES). Licenciatura em Ciências Sociais (UFES). Mestre em Educação (Programa de Pós-Graduação em Educação UFES). Doutoranda em Educação (Programa de Pós-Graduação em Educação PPGE- UFES). E-mail: edilenesouzaneves@gmail.com.

<sup>2</sup> Graduada em Licenciatura Plena em Educação Física pela UFJF. Licenciada em Pedagogia pela UNIUBE. Mestre em Educação pela UFJF e doutoranda em educação pela UFES. Docente da educação básica da SEEMG com experiência em docência na educação básica e superior. E-mail: liegegdornellas@gmail.com.

<sup>3</sup> Aluno do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFES. E-mail: rodrigo.rodrigues@ifes.edu.br.

<sup>4</sup> Professora da Educação Básica, Doutoranda em Educação, pesquisadoras nas áreas de política educacional, gestão, infância, integrante do grupo de pesquisa "Federalismo e Educação" e do Laboratório de Gestão da Educação Básica do Espírito Santo LAGEBES. E-mail: rose@rosenerypim.com.

## **PIERRE BOURDIEU ASSESSMENT: INITIAL FORMULATIONS FOR RESEARCH IN EDUCATION**

### **ABSTRACT**

The objective of this essay is based on the work of Pierre Bourdieu, identifying in our analyzes the singularity and plurality of his writings, how this production was disseminated in Brazil and to what extent in its present context its formulations can be read, to amplify possible problematizations in the field of Research in education. To do so, we use the bibliographical-documentary approach, based on books and articles by the author and about him, which allowed us to explore some important concepts to his work as "Class, Habitus, Fields and the different types of Capital", Observing the implications of these categories in society and in school systems, as well as their relation with the processes of legitimizing social inequalities. In this way, contextualizing his work is a complex task, since it requires a reading of the author in his time, without simplifications or deterministic appropriations that limit the possibilities of enlarging and problematizing the most current issues.

**Key words:** Bourdieu. Reproduction. Habitus. Education.

### **1 ENSAIANDO APROXIMAÇÕES**

O dia 23 de janeiro de 2002 marcaria o fim e o início de um ciclo com o anúncio, na manchete do jornal francês *Le Monde*, repercutindo rapidamente em vários jornais pelo mundo noticiando a morte de Bourdieu, trazendo à tona a permanência e atualidade de seu trabalho teórico e seu comprometimento intelectual que rompeu com um discurso estereotipado provocando reações e apropriações diversas. Sobretudo, é importante ressaltar que suas escolhas assumiram um caráter reflexivo de um intelectual comprometido com o mundo social e que seus questionamentos não se mostraram passíveis de simplificação.

Desse modo, qualquer tentativa de descrição ou simplificação de sua obra pode incorrer de modo equivocado e distorcido da leitura de sua vida muito mais complexa.

Considerando a provocação feita por Bourdieu ao escrever o “Esboço de autoanálise” (2001), obra escrita pouco antes de morrer e que nos convida a superar a ilusão bibliográfica em destaque no seu artigo publicado em 1989, o autor critica a tentativa de retratar as histórias de

vida como constitutivas de um “contrabando no universo científico” criticando a história “habitual”.

Nascido em 1930 no pequeno vilarejo de Deguin, na região rural do sudoeste da França, oriundo de uma família de camponeses, cujo pai era funcionário público dos correios e sua mãe pertencia a uma família de agricultores, portanto, com um nível social um pouco mais elevado, mas sem grandes posses econômicas e sociais, teve um ambiente razoavelmente favorável a uma formação voltada à Filosofia e Sociologia de seu contexto e época. Suas origens sociais, podemos dizer, foram o exemplo prático de sua análise ao atingir a consagração escolar em uma condição desprivilegiada socialmente que rompeu campos e modelos estabelecidos.

## 2 FORMULAÇÕES CONCEITUAIS INICIAIS

O maior desafio proposto por Bourdieu era a superação do objetivismo e o subjetivismo, ressaltando a necessidade de evitar que a Sociologia, por um lado, fosse tomada de modo independente e, por outro, refletida numa mera execução mecânica, pautada por determinismo e reprodução.

### 2.1 O HABITUS

Para Bourdieu (1983) o conceito de *Habitus* elabora uma percepção de que esse seria a mediação entre as dimensões objetivas e subjetivas, entre as estruturas e as práticas. Nesse sentido, o subjetivismo seria superado pelas próprias relações sociais e o objetivismo, por sua vez, seria assim relativo à estrutura, não tomada como indutora de comportamentos de forma mecânica, mas como:

[...] um sistema de disposições duráveis e transponíveis que, integrando todas as experiências passadas, funciona a cada momento como uma matriz de percepções, de apreciações e de ações - e torna possível a realização de tarefas infinitamente diferenciadas, graças às transferências análogas de esquemas (BOURDIEU, 1983, p. 65).

O conceito de *habitus*, assim, parece se referir, indiretamente, à conceituação em Aristóteles que designa característica do corpo e da alma nos processos de aprendizagem. Èmile Durkheim, muitos anos depois, utilizou o conceito de *habitus* para indicar o estado interior e profundo, orientando suas ações duráveis, estendendo-o para o trabalho e interpretação de ações.

Já Bourdieu e Chartier (2012) utilizaram uma conceituação diferenciada a partir de seus estudos na Argélia, na medida em que entendeu ser necessário explicar empiricamente as relações sociais e as ações dos agentes com as estruturas sociais.

Em, “O sociólogo e o historiador”, no formato de perguntas e respostas, Bourdieu e Chartier (2012) apresentam uma definição mais clara sobre a temática do *habitus*:

Portanto, o *habitus* não é um destino: em vez de um *fatum* - de acordo com a afirmação que me é atribuída - trata-se de um sistema aberto de disposições que estará submetido constantemente a experiências e, desse modo, transformado por essas experiências. Dito isso, vou proceder imediatamente a uma correção: há uma probabilidade, aliás, inscrita no destino social associado a determinada condição social, de que as experiências venham a confirmar o *habitus*; ou, dito por outras palavras, as pessoas. Vou dissipar outra dificuldade: o *habitus* por ser um sistema de virtualidade - só se revela em referência a uma situação. Contrariamente às afirmações que me são atribuídas, é na relação com determinada situação que o *habitus* produz algo. Ele é semelhante a uma mola, mas é necessário um desencadeador; e dependendo da situação, ele pode fazer coisas opostas (BOURDIEU; CHARTIER, 2012, p. 62).

Bourdieu e Chartier (2012) situam a análise crítica a uma visão funcionalista fundada na crença de uma sociedade justa a partir dos méritos individuais, centrada nos conhecimentos científicos universais e na autonomia individual como forma democrática. Assim, a escola se constitui como forma de ascensão para o alcance desse modelo social, assumindo o princípio da igualdade de oportunidade para todos, a partir do acesso à escola pública e gratuita, com acirrados critérios de disputa e seleção.

A recepção das obras de Bourdieu iniciou nos anos 1970 e foi bem precoce em relação aos Estados Unidos (EUA) e à Europa. Suas obras ganharam grande abrangência, com uma presença no século XX, com tradução quase que imediata dos seus livros. Vários autores como Maria Alice Nogueira, Afrânio Catani, Zaia Brandão, Cláudio Marques Martins Nogueira, José

Sergio Leite Lopes e Cristina Carla Cardoso de Medeiros são exemplos de pesquisadores brasileiros que problematizaram e refletem a realidade a partir de formulações e enunciados do estatuto epistemológico de Bourdieu.

Nesse contexto, é interessante ressaltar a pesquisa realizada por Medeiros (2013), intitulada “Pierre Bourdieu dez anos depois”, em que a autora discute o legado deixado pelo sociólogo francês, destacando que de 1965 a 2010, houve um crescimento significativo da abordagem teórica desse autor e sua atualização, bem como uma forte presença dos conceitos de *Habitus*, Campo e Capital Cultural nas abordagens teóricas de teses e dissertações nos programas de Pós-Graduação da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC/SP), Universidade de São Paulo (USP) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG).

Partindo desse contexto, Bourdieu propõe um novo modo de interpretação da escola e da educação, identificando que a igualdade de oportunidade e o mérito individual não se configuravam de forma tão simples e justa quanto parecia anunciar, evidenciando a reprodução e legitimação das desigualdades sociais, que não levavam em considerações as origens sociais, classe, etnia, sexo, moradia, religião, dentre outros condicionantes externos.

Segundo Medeiros (2013, p. 321),

O que parece certo é que a leitura de Bourdieu, anteriormente realizada de forma fragmentada, que a imputação de rótulos e críticas ao autor, muitas vezes advindas da influência das correntes de pensamento em destaque em determinadas épocas e até mesmo o uso seletivo dos conceitos por ele formulados têm sido ultrapassados pela crescente curiosidade que o sociólogo passou a suscitar.

Sendo assim, as problematizações aqui produzidas partem de duas obras de Bourdieu: “Os usos sociais da Ciência: Por uma Sociologia Clínica do Campo” (2004) e “A economia das trocas simbólicas” (2009), primeira obra do autor traduzida no Brasil, e o artigo de Maria Alice Nogueira e Cláudio Marques Martins Nogueira “A sociologia da educação de Pierre Bourdieu” (2002), tendo como objetivo analisar alguns conceitos-chave da epistemologia desse autor “Classe, *Habitus*, *Campos* e os diferentes tipos de Capital”, observando as relações desses

conceitos na sociedade e nos sistemas escolares, bem com a sua relação com os processos de legitimação das desigualdades sociais. Sendo assim, consideramos que:

A proposta Bourdiana de pôr em jogo as coisas teóricas, por sua vez, obriga o pesquisador a operar com os conceitos, ou seja, usá-los como ferramentas de construção dos fenômenos empíricos que constituem o foco da investigação. É, portanto, o avesso de uma prática acadêmica ainda frequente, em que discursos teóricos antecedem e se articulam a objetos de estudo pré-construídos (BRANDÃO, 2010, p. 229).

Assim, perceber os conceitos apontados pelo autor requer um exercício reflexivo para os dilemas da atualidade, assumindo uma perspectiva problematizadora.

## 2.2 CAMPO

O conceito de *habitus*, apresentado anteriormente, contribui à nossa compreensão para entender o conceito de campo.

O conceito de campo, por sua vez, constitui um pilar fundamental na compreensão da teoria do autor, de modo que, tanto a noção de campo quanto *habitus* são basilares para organizar os fundamentos e reflexões sobre como o mundo social se constrói e se movimenta.

Ao longo de suas obras, o campo, enquanto conceito central, foi sendo desenvolvido e “encorpado”; conforme seu uso fez-se necessário ao desenvolvimento de seu constructo teórico. Por isso, é possível verificar ao longo de suas obras os níveis de aprofundamento do conceito ou níveis apenas aplicativos do conceito.

O social constitui-se e é constituído por meio de interações que ocorrem dentro e por meio de microcosmos sociais denominados por Bourdieu de campos. São espaços de relações objetivas que se configuram a partir de fundamentos gerais constitutivos de todos os campos, e, ao mesmo tempo, fundamentos específicos que lhes conferem processos e procedimentos próprios, distinguindo-os uns dos outros. Por isso, existem diferentes campos: econômico, político, social, artístico e científico. Esses diferentes campos objetivam a realidade social ao mesmo

tempo em que vai objetivando a coletividade por meio dessas interações. A relação entre eles ocorre por meio de homologias estruturais e funcionais, que conferem a interação, transferência e dinamicidade dos processos sociais (BOURDIEU, 2003).

Os fundamentos gerais que definem um campo e lhes conferem lógicas próprias são definidos e aprofundados objetivamente no pensamento de Bourdieu. Ele fundamenta essa categoria analítica metodológica como um instrumento de análise do social.

A teoria geral da economia dos campos permite descrever e definir a forma específica de que se revestem, em cada campo, os mecanismos e os conceitos mais gerais (capital, investimento, ganho), evitando assim todas as espécies de reducionismo, a começar pelo economicismo, que nada mais conhece além do interesse material e a busca de maximização do lucro monetário. Compreender a gênese social de um campo, e apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, do jogo de linguagem que nele se joga, das coisas materiais e simbólicas em jogo que nele se geram, é explicar, tornar necessário, subtrair ao absurdo do arbitrário e do não-motivado os atos dos produtores e as obras por eles produzidos [...] (BOURDIEU, 2004, p. 69).

De forma geral e grosso modo, os campos são espaços sociais específicos, um microcosmo, definido por uma estrutura que comporta elementos específicos e por meio dos quais se produzem as relações sociais, a partir da mobilização do *habitus*. Desse modo:

Os campos apresentam-se à apreensão sincrônica como espaços estruturados de posições (ou pontos) cujas propriedades dependem de sua posição nesses espaços e que podem ser analisadas independentemente das características dos seus ocupantes (em parte determinada por ela) (BOURDIEU, 2003, p. 119).

Todos esses processos que fundamentam e estruturam os diferentes campos que compõem a sociedade existem e subsistem em função da relação dialética entre o *habitus* e campo. Segundo Bourdieu (2003, p. 125),

O *habitus*, sistema de disposições adquiridas pela aprendizagem implícita ou explícita que funciona como um sistema de esquemas geradores, é gerador de estratégias que podem estar objetivamente em conformidade com os interesses objetivos dos seus atores sem terem sido expressamente concebidos para esse fim.

Campos são espaços sociais – mas não estruturas fixas - estruturados por posições de relações objetivas que e–ao mesmo tempo possuem uma lógica própria que acabam por definir seus limites de contorno. São produtos da história de suas posições constitutivas e das disposições que elas privilegiam (THIRY-CHERQUES, 2006).

As estruturações desses espaços contêm em si algumas propriedades, propriedades que são inerentes a todos os campos. São elas: o *nomos*, a *doxa* e dominação (conflito de interesses). (BOURDIEU, 2003; THIRY-CHERQUES, 2006).

A primeira propriedade, o *nomos*, são as leis gerais que governam os campos, que são diferentes e possuem leis de funcionamento invariantes e ao mesmo tempo específicos e de contornos limítrofes. A *doxa* compõe o consenso, o pensamento comum, aquilo que todos estão de acordo. Funciona, na leitura de Thyry-Cherques (2006), como uma espécie de ideologia, ou falsa consciência, pensamento comum. Outra propriedade que constitui os campos é a dominação.

Todos os campos constituem-se como espaços de lutas, que definem as regras do jogo (segundo as leis imanentes ao campo), os objetos de disputa que movimentam a concorrência entre os novos que tentam entrar e os dominantes que tentam defender o monopólio e excluir a mesma. Essa concorrência é motivada e mobilizada por meio de interesses específicos que mobilizam o *habitus* no interior dos campos, “que implica o conhecimento e reconhecimento das leis imanentes do jogo, das paradas de jogo etc.” (THIRY-CHERQUES, 2006, p. 120). Essa concorrência tem como efeito a produção da violência simbólica.

### 2.3 O CAMPO CIENTÍFICO

Interessa-nos, sobremaneira, a compreensão sobre o campo científico. Convidado para uma conferência no Instituto Nacional de Pesquisas Agronômicas de Paris (1994), Bourdieu profere uma palestra na qual expõe os principais fundamentos da sua conceituação sobre o campo científico.



A partir do questionamento sobre quais são os usos sociais das ciências, e se é possível uma ciência que dê conta de uma análise clínica da ciência, Bourdieu apresenta a “mecânica” e as variáveis que sustentam e movimentam o campo de produção do conhecimento na sociedade. Ao fazê-lo, além de nos apresentar, de forma mais sistematizada, os principais fundamentos do campo científico, também o coloca no centro dos debates sobre as diferentes estruturas de produção do conhecimento.

Esse debate sobre tendências e formas de produção do conhecimento para o novo milênio vem assumindo, nas últimas décadas, a centralidade nos debates acadêmicos, bem como nas agendas dos organismos internacionais (HOCHMAM, 1994; BAUMGARTEN, 2008). O conceito de campo científico de Bourdieu se apresenta como contraponto às análises de autores mais atuais de uma perspectiva pós-moderna como Khun, Knnor-Cetina e Latour.

Para Bourdieu (2004), a partir de sua teoria das práticas sociais, o campo científico é um mundo social como os outros que obedece a leis sociais mais específicas e pertinentes à sua especificidade. Como um microcosmo dentro de um macrocosmo maior, que mantém, com esse, uma relação de relativa autonomia. Entretanto, em função até mesmo das homologias estruturais, ele interage com os demais campos, uma vez que a fundamental questão para pensar o conceito de campo é entender que as interações sociais perpassam diferentes campos que estruturam a sociedade constituindo e sendo constituídos por ela, e, o mais importante, esses campos são estruturas que possuem fundamentos e processos que lhe são próprios, peculiares e limítrofes.

O grau de autonomia do campo científico em relação aos demais campos é ao mesmo tempo sua condição de existência e a sua dimensão limítrofe. Entretanto, isso não o exime ou exclui das consequências das pressões externas às quais está submetido. Por isso, Bourdieu (2004) aponta que esse grau de autonomia do campo é diretamente proporcional à refração ou retração.

A noção de campo está aí para designar esse espaço relativamente autônomo, esse microcosmo dotado de suas leis próprias. Se, como macrocosmo, ele é submetido a leis sociais, essas não são as mesmas. Se jamais escapa às imposições do macrocosmo, ele dispõe, com relação a este, de uma autonomia parcial mais ou menos acentuada (BOURDIEU, 2004, p.21).

Em termos gerais, o campo científico é constituído e constitui-se de: relações de forças, monopólios, lutas e estratégias, interesses, lucros (materiais e simbólicos).

Enquanto campo, as relações de forças são dadas por meio das posições que os agentes ocupam na estrutura. O que está em jogo especificamente nessa luta é o monopólio da autoridade científica, considerada o pilar central da identidade do campo e sinônimo de poder social e definida como capacidade técnica e científica, de falar e agir legitimamente de maneira autorizada e com autoridade que é outorgada a um agente determinado (BOURDIEU, 1983). Assim, o que a autoridade científica produz é prestígio, reconhecimento e celebridade. O movimento da autoridade científica desenvolve-se por meio dos interesses e estratégias dos diferentes agentes que lutam pelo monopólio da autoridade científica, e esses interesses podem ser intrínsecos e extrínsecos. A luta compreende os métodos, o lugar de publicação e os fomentos para a pesquisa.

Outro fundamento extremamente importante que constitui a estrutura do campo científico é dado pela hierarquia. Existem as hierarquias dos agentes, hierarquia das instituições, hierarquia entre países, hierarquia dos problemas, domínios e métodos. (BOURDIEU, 1984).

O processo de acumulação científica também obedece a dimensões estruturais constitutivas do campo. O capital inicial se situa como título, depois cargos administrativos, comissões governamentais, prêmios como os outorgados por Instituições Científicas, Academias de Ciências etc. O monopólio e investimento no mercado de produção do campo científico, movidos pelos interesses, perpassam os objetos de pesquisa, os métodos de pesquisa, os instrumentos e as referências no contexto da disputa (BOURDIEU, 2004).

Sendo um mundo social, o campo científico, na perspectiva de Bourdieu (1994) deve ser analisado e problematizado a partir de uma dinâmica viva e interativa, em que os diferentes agentes mobilizam suas diferentes trajetórias (*habitus*) e estratégias de disputas e sobrevivência.

## 2.4 TIPOS DE CAPITAL

Uma variável fundamental a essas propriedades é o capital específico que define o campo como uma estrutura de correlação de forças na disputa entre os agentes e instituições na luta por esse capital, que pode até ser convertido em outro capital valorizado fora do campo, mas não a partir de uma relação automática ou mecânica. A luta por esse capital engendra as estratégias dos agentes segundo as posições que ocupam no campo e são desenvolvidas com vista à acumulação por meio de investimentos. Esse capital pode ser cultural (conhecimento, habilidades, informações), social (conjunto de acessos sociais, relacionamentos e rede de contatos, simbólico como prestígio e honra, econômicos como bens e patrimônios). Os dominantes são os que monopolizam o capital específico e tendem a desenvolver estratégias de conservação – a ortodoxia, enquanto que os dominados (recém-chegados) tendem a desenvolver estratégias de subversão - as heresias (BOURDIEU, 2003). Em todos os campos, a distribuição de capital é desigual, fazendo com que o conflito seja inerente.

## 3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES REFLEXIVAS

Podemos reconhecer, a partir das obras de Bourdieu, em destaque a “teoria da reprodução”, que serve como ferramenta instrumental de manutenção das “coerências” habituais na coerência dos usos sociais de conservação. Contudo, essa conservação se dá em condições de violência simbólica que conserva o capital cultural hegemônico e simbólico, e se impõe em um movimento de manutenção de um poder arbitrário. A arbitrariedade constitui-se na apresentação da cultura dominante como cultura geral, normativa e padrão das identidades, baseada na divisão da sociedade em classes. Todavia, para o autor, não é a divisão entre classes que é utilizada para manutenção e conservação desse sistema hierárquico, mas a própria ideologia e hierarquização cultural e simbólica que estabelecem e impõe essas diferenças.

As frações sociais dominantes, assim, conferem os seus valores, símbolos e cultura hierarquizando e supervalorizando seu próprio campo e os campos “inferiores”, de modo que a resistência em Bourdieu não é simplesmente (ainda que não seja simples) uma resistência

política e ideológica contra esse campo e seus princípios, símbolos e cultura, mas de resistência e revolução entre campos e frações internas entre sujeitos e instituições que se identificam (e são) do campo e sujeitos externos que se afetam e deixam-se afetar pelos valores e práticas desse hipocampo.

O trânsito e passagem horizontal entre campos supõem a passagem de um campo ao outro, (instrutor que se torna patrão na indústria) quando há uma conversão de uma espécie de capital em outro (econômico, social ou cultural); assim, a estrutura patrimonial é basicamente a forma natural de manter e conservar a posição social.

A posição social implica em um ajuste nas interações sociais e dos capitais a que se tem acesso de algum modo operando no *habitus*, que se traduz, no plano do consumo e das diferenças de classe geradas em cada status.

Essa “passagem” interage e inter-relaciona muitas forças que se transmutam em relações de sentido e se traduzem na hierarquia social, que se expressa nos estilos de vida e no plano do consumo. Portanto, não se dá apenas no acesso, mas no consumo e operando em uma outra lógica diferente do campo habitual inicial.

O quê e como se consume e se “aplica” o capital econômico difere conforme o estilo de vida do campo, e isso é determinado pelo *habitus* que é construído desde a educação formal à informal.

Assim, mesmo o gosto e o acesso para desenvolvimento e aprimoramento desse (seja de consumo ou de interesses culturais) depende do espectro de preferências do campo expresso em um estilo e estilização da vida. Ou seja, o gosto é socialmente determinado.

Esvazia-se, contudo, a ideia de vontade e liberdade da percepção das escolhas limitando-se essas por disposições ou prontidão para a ação, dentro de um dado *habitus* adquirido e construído socialmente (e coletivamente) por aquilo que é encarnado de forma durável, sob a forma de disposições permanentes. Refere-se a algo relacionado à história individual incorporada.

A diferença para o consumo, em Bourdieu, estabelece-se no domínio do consumo (capital, cultural, simbólico), na oposição entre o gosto de liberdade e o gosto de necessidade: o primeiro é fruto das condições materiais de existência, definidas pela distância da necessidade ou pelas facilidades afirmadas pelas experiências capitais não só econômicas; o segundo exprime a necessidade e, no limite, a sobrevivência.

Portanto, o gosto é uma escolha forçada pelas condições de existência na liberdade ou na necessidade que gera um estilo de vida estabelecido pela relação de privação entre campos sociais.

Os aspectos da manutenção da hegemonia através da educação é tema da preocupação de Bourdieu, envolvendo a problematização, desde a manipulação da seleção cultural, seleção econômica e financeira, ao modelo de análise das escolas sob o enfoque “técnico” de acúmulo de informações (*input* e *output*) e cultura de modo a diferenciar o capital cultural do capital econômico. Assim, por exemplo, podemos manifestar que o currículo da escola seja expressão de vida social e cultural ativo e dinâmico a serviço de que ou para qual campo?

A epistemologia de Bourdieu com os conceitos de *habitus* e seus elementos constitutivos e resultantes delimitado pelo campo e os seus desdobramentos nos permitem reconhecer o processo de investigação científica e social, não como prática linear de relações constantes, mas problemática e passível de alteração de valores e princípios, mas também de ações e práticas. Por este viés de pensamento, a pesquisa busca conhecer as estruturas e suas relações internas resultantes, a saber:

[...] estruturas estruturadas predispostas a funcionar como estruturas estruturantes, isto é, como princípio gerador e estruturador das práticas e das representações que podem ser objetivamente “reguladas” e “regulares” sem ser o produto da obediência a regras, objetivamente adaptadas a seu fim sem supor a intenção consciente dos fins e o domínio expresso das operações necessárias para atingi-los e coletivamente orquestradas, sem ser o produto da ação organizadora de um regente (BOURDIEU, 1994, p. 60-61).

O *habitus*, como estrutura estruturante e estruturadora dos sujeitos e de cada campo, considera a percepção das experiências dialética e ontologicamente dos campos sociais, que estrutura, influencia e se refaz.

O objetivo da pesquisa, inclusive no campo educacional, é, portanto, para Bourdieu, conhecer e reconhecer estruturas naquilo que determinam internamente no campo social, ou seja, aquilo que é estruturante de um campo (e estilo de vida), quanto no que esses são estruturados, como explanado pelo autor:

O método consiste em desvelar os objetos sociais e o conjunto de relações que explicam a lógica interna do campo. A realidade empírica é concebida como um reflexo analógico das relações entre elementos de uma estrutura teórica, isto é, hipotética. O modelo levado a campo é constituído por proposições teóricas que devem ser testadas. O que se quer encontrar são os *habitus*, a *doxa*, as "leis sociais" que regem um campo, como, por exemplo, a da reprodução do *habitus* pela educação formal. Tais leis, como vimos, são "*nomos*", derivam do uso, do costume, têm validade espaço-temporal, são estabelecidas e sustentadas por quem delas se beneficia: os agentes e as instituições dominantes (BOURDIEU, 1994, p. 45).

Na forma de pesquisar de Bourdieu, a análise da estrutura e a pesquisa em si se dão simultaneamente e de forma contínua, escapando à rigidez de classificação epistemológica de correntes filosóficas universalistas do estruturalismo ao operar com a dinâmica das relações sociais a partir de considerações estruturalistas, numa aproximação primária.

O poder recriador da educação seus significados têm suas bases na perspectiva de Bourdieu, que compreende o princípio sociológico da dominação e tenta superar a estrutura dominante e opressora refletindo sobre a "violência simbólica", legitimadora da dominação onde o poder exercido em campos e na linguagem é mais eficiente e sutil do que o uso da força propriamente dita, empreendendo uma investigação sociológica do conhecimento que detectou um jogo de dominação e reprodução de valores.

Apropriar-se do referencial epistemológico do autor na pesquisa educacional requer a necessidade de reconhecer que toda prática humana se encontra engendrada em uma ordem social, que categoriza e classifica as práticas e percepções e ação no mundo. Resistir e "libertar-

se” desses paradigmas e organização social consolidando um novo modo de ser (e reconhecer-se no mundo) é o desafio que se impõe somente aos mais ousados.

## REFERÊNCIAS

BAUMGARTEN, Maíra. Comunidades ou coletividades? O fazer científico na era da informação. São Paulo: **Revista de Sociologia**, São Paulo, v. 4, p. 97-136, 2008.

BRANDÃO, ZAIA. Operando com conceitos: com e para além de Bourdieu. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 36, n. 1, p. 227-241, jan. /abr. 2010.

BOURDIEU, Pierre. **Para uma sociologia da ciência**. Lisboa: Edições 70, 2004.

\_\_\_\_\_. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 2009.

\_\_\_\_\_. **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Editora Ática, 1983.

\_\_\_\_\_. **Questões de sociologia**. Lisboa: Fim de Século - Edições Sociedade Unipessoal Lda, 2003.

\_\_\_\_\_. **Os usos sociais das ciências: por uma sociológica clínica do campo científico**. São Paulo: Editora UNESP, 2004.

\_\_\_\_\_. **Esboço de Autoanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

\_\_\_\_\_. Esboço de uma teoria da prática. In: ORTIZ, R. (org.). **Pierre Bourdieu**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1994. (Coleção Grandes Cientistas Sociais, n. 39).

\_\_\_\_\_; CHARTIER, Roger. **O sociólogo e o historiador**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.  
HOCHMAN, Gilberto. A ciência entre a comunidade e o mercado: leituras de Kuhn, Bourdieu, Latour e Knorr-Cetina. In: PORTOCARRERO, V. (Org.). **Filosofia, história e sociologia das ciências I: abordagens contemporâneas**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 1994. p. 199 - 232.

Pró-Discente: Caderno de Produção Acadêmico-Científica. Programa de Pós-Graduação em Educação, Vitória-ES, v. 22, n. 2, p. 26-41, jul./dez. 2016.

MEDEIROS, Cristina Carta Cardoso. Pierre Bourdieu, dez anos depois. **Educar em Revista** Curitiba, n. 47, jan /mar. 2013.

NOGUEIRA, Cláudio Marques Martins; NOGUEIRA, Maria Alice. A sociologia da educação de Pierre Bourdieu: limites e contribuições. **Educação & Sociedade**. Campinas, v. 23, n. 78, p. 15-35, 2002.

THIRY-CHERQUES, Hemano Roberto. Pierre Bourdieu: a teoria na prática. Rio de Janeiro: **Revista RAP**, v. 40, n. 1, p. 27 – 55, jan / fev. 2006.